

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15576 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

AS RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA ESCOLA: ENTRE O BRINCAR DAS CRIANÇAS, OS GESTOS DE CUIDADO DA PROFESSORA E O DESEJO DE PERTENCIMENTO DAS FAMÍLIAS IMIGRANTES

Marcel Martins Guarezi - UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina - Campus Tubarão

Luciane Pandini Simiano - UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina - Campus Tubarão

Agência e/ou Instituição Financiadora: UNIEDU

AS RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA ESCOLA: ENTRE O BRINCAR DAS CRIANÇAS, OS GESTOS DE CUIDADO DA PROFESSORA E O DESEJO DE PERTENCIMENTO DAS FAMÍLIAS IMIGRANTES

RESUMO: Este trabalho foi realizado em âmbito de pós-graduação stricto sensu, do curso de Mestrado em Educação. Tem-se como objetivo geral analisar o processo de inserção educacional de crianças imigrantes no primeiro ano do Ensino Fundamental. A partir de três eixos: as relações entre as crianças e as crianças imigrantes, as relações das crianças e a professora e as relações entre a professora, as crianças e as famílias imigrantes, analisamos mediante a inserção intercultural no espaço escolar. Dentro de um processo de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, buscamos compreender a infância no contexto escolar e suas particularidades nas relações interculturais. Os percursos metodológicos são trilhados mediante a utilização da observação participante, registros fotográficos, diário de campo, desenhos e questionário.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalidade. Criança Imigrante. Infância.

As crianças no seu processo de infância, sejam elas brasileiras ou imigrantes, constituem-se como parte de uma conjuntura histórica, social e cultural, assim, “esses processos constroem realidades individuais e históricas. Desde bem pequenas, criam e imaginam, expressam desejos e emoções” (Kramer; Nunes; Cursino, 2011, p.71). Desconsiderar que são parte desse processo é negar os direitos constituídos ao longo da História. As conquistas estabelecidas por lei, principalmente com o Estatuto da Criança e do Adolescente, são primordiais para as infâncias que são deliberadamente negadas àquelas em vulnerabilidade social. Os direitos à(s) infância(s) promovem o bem-estar em todos os âmbitos em que são permitidas como crianças. A escola vem, de acordo com esses direitos, provendo ações e práticas que possibilitam o processo das crianças dentro do espaço escolar,

na exploração do mundo em que vivem.

A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental para as crianças, aos 6 anos de idade, ainda é um desafio a ser questionado e acompanhado para que se possa estabelecer um equilíbrio entre o aprender e o brincar para essas crianças. Dessa forma, “a experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança” (Borba, 2007, p.33). O ser criança deve ser considerado de forma importante e efetiva no seu processo de infância, no equilíbrio com as práticas pedagógicas e as obrigatoriedades do currículo escolar. Tudo isso somado com as diversidades que se encontram na sala de aula, sem que a igualdade entre todos possa dialogar com as singularidades de cada criança que pertence àquele ambiente.

Essas crianças imigrantes que chegam à escola com suas próprias culturas, memórias e histórias, e encontram um ambiente estrangeiro, com uma língua diferente daquela familiar e outras crianças, com as quais se identificam culturalmente ou não, formam aquele espaço diversificado no seu acesso como detentora de direitos. Também, “a infância das crianças imigradas é infelizmente marcada também por um olhar ambíguo dos/as adultos/as a respeito delas, incluindo também os/as que as educam e cuidam delas, um olhar marcado pelo espanto e pelo interesse (um olhar atônito)” (Silva, 2021, p.547). Entre os cadernos, os brinquedos, as brincadeiras, as relações entre as crianças e as práticas pedagógicas, as crianças imigrantes encontram na escola formas de transformarem as dificuldades sociais em trocas com todos os sujeitos daquele espaço. São trocas que fazem parte do processo de interação. Trocas de histórias, brincadeiras, curiosidades e aprendizagem. Todos ganham com essas trocas: as crianças imigrantes e as crianças brasileiras. Entretanto, essas trocas ficam condicionadas a homogeneização das práticas educativas, não correspondendo, muitas vezes, às culturas trazidas por essas crianças imigrantes, pois “entendemos que os desafios que se colocam aos professores e educadores são enormes, em termos de formação, e abrem horizontes epistemológicos e axiológicos, impensáveis no âmbito do tradicional paradigma de formação docente” (Tavares; Gomes, 2018, p.56).

Diante desse contexto, para traçar nosso percurso, objetivamos analisar o processo de inserção educacional de crianças imigrantes no primeiro ano do Ensino Fundamental. A partir disso, elencamos os objetivos específicos: observar as relações entre crianças imigrantes durante a sua inserção na escola; identificar como acontecem as relações entre as professoras e as crianças imigrantes e; compreender as relações entre professores, crianças imigrantes e suas famílias durante o processo de inserção.

Para dar conta de nossos objetivos, optamos por desenvolver a pesquisa sob a

perspectiva qualitativa. Dessa forma, adotamos como instrumentos metodológicos registros escritos, fotográficos, entrevista e desenhos das crianças para visibilizar as minúcias das relações que são tecidas cotidianamente na escola. Iniciamos nossa pesquisa numa turma de 25 crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, de nove anos, com 6 crianças imigrantes, 2 adultos, seus professores e 02 famílias das crianças imigrantes venezuelanas. Por meio da análise obtida pelos registros escritos, fotográficos, desenhos das crianças e entrevista com as famílias e no diálogo com os objetivos, extraímos três eixos para análise: Brincar como modo de ser e estar no mundo: As relações entre crianças e crianças imigrantes; Entre acolhida, gestos de cuidado e a organização de práticas pedagógicas: As relações entre as crianças imigrantes e a professora e; Do desejo de pertencimento à efetiva inclusão social, um longo caminho: As relações entre as famílias imigrantes e a escola.

No primeiro eixo, intitulada: “Brincar como modo de ser e estar no mundo: As relações entre crianças e crianças imigrantes”, percebemos o brincar, o faz de conta e os jogos imaginários como uma experiência presente no dia a dia das crianças, mesmo que não lhes sejam proporcionados tempos e espaços para brincar com mais frequência. O brincar proporciona um estreitamento de laços entre as crianças. No contexto da pesquisa, entre sorrisos, olhares curiosos e melancólicos, as crianças imigrantes tentam estabelecer relações entre si e com as outras crianças. Os dados apontam que as brincadeiras ultrapassam os currículos obrigatórios. As histórias ganham contornos de fantasia em meio aos livros, massas de modelar e os desenhos. As dificuldades migratórias encontram no brincar um lugar de encontro com as outras crianças. Embora o brincar apresentasse toda potência interativa entre as crianças, não era reconhecido como tal, as brincadeiras das crianças aconteciam no espaço da sala e se restringiam aos poucos momentos em que finalizavam a atividade, quando as crianças se dirigiam prontamente para poderem se encontrar no espaço intitulado “cantinho da leitura”.

Nessa perspectiva, destacamos como um outro ponto importante a ser destacado como grande dificultador das relações entre as crianças, isto é, os espaços que não são organizados para ampliar e diversificar as relações, em especial os arranjos espaciais da sala. Ao analisar o espaço da sala, percebemos que a atenção das crianças voltava-se para o quadro e para as atividades desenvolvidas no caderno e no livro didático, e não para as relações com seus pares.

No que tange às referências culturais das crianças imigrantes no espaço da sala, pode-se perceber uma grande invisibilidade neste contexto. Não há sequer, por exemplo, um livro em espanhol, língua materna das crianças imigrantes, no “cantinho da leitura”, um dos

espaços mais frequentados pelas crianças. Durante o tempo de permanência na pesquisa não foi observado nenhuma atividade que contemplasse o conhecimento e valorização de diferentes culturas. Assim, no que concerne aos aspectos culturais, o espaço ainda carece de um olhar às questões culturais, sociais e históricas dos sujeitos que habitam o espaço. Dessa forma, as análises das relações entre as crianças também desvelam que a organização dos espaços pode ampliar ou limitar as relações entre as crianças. Cabe, nas escolas do ensino fundamental, privilegiar um planejamento de ações pedagógicas interculturais e uma atenção e olhar mais atentos para os arranjos espaciais e as potencialidades disso para a promoção da interculturalidade nas relações educativas e no processo no ensino aprendizagem.

Ao analisar o eixo das relações entre a professora e as crianças imigrantes, foi possível observar a postura de cuidado e acolhimento da professora para com crianças imigrantes. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber a preocupação com bem-estar das crianças imigrantes, decorrente, muitas vezes, da situação de vulnerabilidade em que as crianças se encontravam. O cuidado para que não faltasse material escolar, o abraço acolhedor diante de um choro, o auxílio atencioso para explicação de uma atividade, a percepção e empréstimo de um agasalho em um momento de baixa temperatura, entre outros aspectos, foram gestos constantemente observados, que demonstram a atenção e a postura afetuosa da professora. No entanto, proporcionar uma inserção de crianças imigrantes no contexto educativo de forma significativa não depende somente da afetividade da professora, mas também requer práticas educativas que contemplem a perspectiva intercultural. Nesse eixo, os dados revelam as limitações e dificuldades em perceber a interculturalidade como algo potente para ampliação dos repertórios de todas as crianças. Percebeu-se que carece um olhar da professora para as especificidades culturais, para compreender a diversidade que faz parte dos sujeitos que habitam o espaço escolar. A atenção recebida pelas crianças imigrantes na sala de aula, as relações promovidas pela professora com as outras crianças e as práticas pedagógicas devem estar em consonância com a interculturalidade das crianças, fato pouco observado no contexto pesquisado.

Ao analisar o terceiro eixo das relações entre a escola e as famílias das crianças imigrantes, os dados revelaram a falta de iniciativas, por parte do coletivo da instituição, que permitissem iniciar e promover as relações entre as famílias e o contexto educativo do Ensino Fundamental. Durante a permanência em campo, a presença física das famílias se resumia a mensagens trocadas por celular entre a família e a professora, o acompanhamento dos irmãos mais velhos até a sala de aula, a participação da família em reuniões ou eventos quando sua presença era solicitada. Importante pontuar que nesses eventos e reuniões em que as famílias imigrantes participam, não havia preocupação por parte da instituição com a língua materna

desses sujeitos. No contexto pesquisado, apesar de uma quantidade expressiva de imigrantes na escola, os comunicados, informações, cartazes no ambiente escolar e outros não apresentam qualquer resquício da língua espanhola para esse grupo de crianças, adolescentes e família.

Reiteramos que as relações entre a escola e as famílias imigrantes, no processo de inserção das crianças no primeiro ano do Ensino Fundamental, são imprescindíveis. A escola de Ensino Fundamental precisa desenvolver mecanismos que permitam a participação das famílias na vida escolar das crianças imigrantes, considerando a cultura desses sujeitos sem julgamentos prévios. Os dados apontam que para as famílias imigrantes, a escola é um espaço que representa a potência de um futuro, possibilitando a inserção das suas crianças na sociedade, pois estamos inseridos em uma sociedade que marginaliza o diferente, o estrangeiro latino ou africano, e encara as situações de vulnerabilidade com aversão ou intrusão dos espaços que os sujeitos que migram ocupam na sociedade. A aposta das famílias imigrantes na escola como um lugar capaz de ascender o futuro de seus filhos possibilita refletir sobre a confiança e esperança que os sujeitos empregam na escola, bem como um gesto de abertura das famílias à comunicação e à constituição de relacionamentos. No entanto, a escola parece ainda desconhecer, ou até invisibilizar a importância e seu compromisso de, intencionalmente, criar espaço para as relações entre escola e famílias. Nesse sentido, ressaltamos a responsabilidade da escola de Ensino Fundamental em buscar estratégias para criar meios visando a iniciar relacionamentos e comunicações com as famílias imigrantes. Sabemos que é um processo difícil, mas precisa urgentemente ser alvo de debate no processo educacional.

Os caminhos percorridos para a inserção da criança imigrante devem ser compreendidos inicialmente por meio dos direitos básicos, da criança estar na sala de aula. É respeitá-la como parte de um processo de cultura, social e histórica. Esses caminhos devem levá-la com outros sujeitos: professores e família.

As relações que são estabelecidas entre as crianças imigrantes e as crianças, as crianças imigrantes e a professora e as famílias imigrantes e a escola percorrem esses caminhos para inserção de todos os sujeitos que compõem essa jornada intercultural no espaço escolar. A formação dos laços sociais, as trocas empreendidas e necessárias para a interculturalidade fomentam a igualdade de direitos dentro das singularidades de cada um dos sujeitos sociais.

Destaca-se o papel das políticas públicas nesse processo de inserção, a partir da oferta de uma formação continuada adequada a esses profissionais, seja professores, gestão ou apoio

pedagógico. Isso também passa por uma formação inicial que atenda as especificidades da heterogeneidade cultural que compõem um país de tamanho continental.

Os problemas enfrentados pelas famílias imigrantes, as dificuldades dos professores em lidar com situações adversas e a inserção de uma criança imigrante em um ambiente estranho indicam que é preciso olhar atentamente a realidade cada vez mais frequente nas relações interculturais. Evidentemente, postergar o que já é uma realidade condiz com um enfraquecimento das relações que são trocadas dentro de uma diversidade que sempre existiu e muitas vezes são impostas pela dominação cultural ocidental e homogênea. Lutamos para a inserção de fato das crianças e crianças imigrantes no sistema educacional, com todas as particularidades culturais das quais são de direito, sem a distinção do que ainda as separam dentro da sociedade. São todas iguais portadoras de direitos, porém, distintas em seus aspectos sociais, culturais e históricos.

REFERÊNCIAS

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 33-46.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.1, p. 69-85, jan./abr. 2011.

SILVA, C. M. Crianças com background migratório nos serviços educativos para a primeira infância na Itália. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n.4 3, p. 543-560, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://x.gd/mE0Df>. Acesso em: 11 jul. 24.

TAVARES, M.; GOMES, S. R. Multiculturalismo, interculturalismo e decolonialidade: prolegômenos a uma pedagogia decolonial. **Dialogia**, São Paulo, n. 29, p. 47-68, maio/ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n29.8646>